

---

## Sobre o raciocínio geográfico

**Paul Vidal de la Blache**

Tradutor: Guilherme Ribeiro

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/5550>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.5550

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Refêrencia eletrónica

Paul Vidal de la Blache, « Sobre o raciocínio geográfico », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 07 novembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/5550> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.5550>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 novembro 2020.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Sobre o raciocínio geográfico

Paul Vidal de la Blache

Tradução : Guilherme Ribeiro

---

## NOTA DO EDITOR

Conferência pedagógica proferida na Universidade de Paris e publicada originalmente na *Revue politique et littéraire (Revue Bleue)*, n. 13, 1er sem., 52e année, 2 mai. Paris: Bureaux de la Revue Politique et littéraire (Revue Bleue) et de la Revue Scientifique, pp. 556-560, 1914. Confira neste mesmo número de *Terra Brasilis* a apresentação elaborada pelo também tradutor, professor Guilherme Ribeiro.

**Nota do tradutor:** Agradeço a ajuda precisa de Paul Claval (Universidade de Paris-Sorbonne) na tradução de alguns trechos, mas, sobretudo, ao diálogo generoso ao redor de Vidal nos últimos doze anos. A responsabilidade pela tradução, contudo, cabe somente a mim. Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – Apoio a grupos emergentes de pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

## 1.

- 1 Gostaria de apresentar algumas considerações gerais sobre o que devemos chamar por raciocínio geográfico. Existe um estado particular de espírito recomendado aos que cultivam a geografia e, notadamente, àqueles que a ensinam? A questão não é inútil, pois é preciso confessar que há poucos estudos que, sob os mais diversos ângulos, com preocupações as mais diversas e, talvez, com uma mínima preocupação metodológica, a abordam.
- 2 Para fixar as ideias, permitam-me imaginar inicialmente uma dessas salas de aula tal como foram organizadas em alguns (ainda muito raros) liceus. Mapas pendurados nas paredes, apenas visualizá-los já fará gravar, na memória, algumas noções imprescindíveis. Escolhidas para familiarizar o olhar com as formas típicas do terreno

[terrain], o mesmo ocorrerá com as imagens. Indispensável para conduzir o pensamento à evidência da figura terrestre, haverá, também, um globo – e sua parcial distorção dos mapas. Ao seu lado, o professor. Nem sempre ele é um especialista em geografia; conforme molde reproduzido e que, em certos casos, merece ser acolhido, talvez ele seja um naturalista. Mais comumente, trata-se de um concursado [agrégé] em história e geografia.

- 3 Como tal, ele tem adquirido na Universidade a educação crítica dada pela história – e a qual nada substitui. E, sob a condição de que não esteja prematuramente encerrado em uma determinada época e nem limitado em curiosidade, ele adquire o sentimento da diversidade dos tempos e dos homens. Como estudante, deveria participar de excursões geográficas e, assim, formar-se por intermédio da observação do terreno ou, talvez, do croqui. Ele aprende a pensar a paisagem. Na natureza, o que surpreende é menos o pitoresco – do qual, certamente, não somos insensíveis – que o jogo das causas e as expressões das diversas combinações pelas quais a natureza se apresenta. Isto nos permite supor que o professor tomou gosto pelas viagens; que viajou ou viajará sem que para isto tenha sido necessário dar a volta ao mundo.
- 4 No momento de cumprir sua nova tarefa, esse historiador ou esse naturalista terá algum esforço a fazer em termos pessoais? Pois, por mais preparado que esteja por uma cultura geral, será preciso – no sentido que acabamos de descrever – se posicionar de forma especial, mudar o ponto de vista e, em sua consciência interior, apelar a outros hábitos intelectuais? Isto é, sem dúvida, delicado, mas não é impossível.

## 2.

- 5 Inicialmente, note-se que a comparação se impõe com muito mais força para o naturalista que no caso da história. James Geikie<sup>1</sup> disse que “Em todo o mundo, observamos feições da natureza constantemente repetidas”. Repetidas, sem dúvida, mas jamais exatamente nos mesmos termos. É mister, portanto, que a comparação intervenha. O geógrafo deve impregnar-se do que Platão chamou “espírito sinótico”. A propósito de uma região ou de um fenômeno, não é o caso de se fazer a volta ao mundo, mas de, diante do globo, observar, conforme as latitudes, as analogias oferecidas, seja pelos desertos da América do Norte e os da Ásia Central, seja pelos fiordes da Noruega e do Alasca. Assim, a necessidade de um exame comparativo não lhe escapará em momento algum. Somente a comparação fornece o registro preciso. Permitam-me citar um exemplo que indubitavelmente despertará em alguns a lembrança de conversas banais à beira-mar. Após uma descrição muito famosa e com o êxito da expressão Gulf Stream,<sup>2</sup> muitas pessoas imaginam tratar-se de fenômeno excepcional, de uma espécie de dom gracioso da Providência na Europa Ocidental, ao passo que, na realidade, é apenas um caso particular (e, aliás, bastante alterado) do sistema geral de circulação.
- 6 Deve-se também recuar mais no passado, habituar-se a outras perspectivas temporais. O relógio do geógrafo não é exatamente o mesmo que o do historiador. O historiador que não tiver o cuidado de promover sobre si mesmo a operação comentada anteriormente estará exposto a frequentes surpresas. Pensará ele: será necessário, então, remontar à época glacial (e mais longe ainda) para explicar os Grandes Lagos da América? Eis o que requer o encadeamento de causas que possuem outra envergadura, que deixam marcas mais duráveis e preservam mais estados intermediários que os perecíveis [périssables] fatos humanos constituintes da trama da história. Uma

paisagem é uma síntese. É um todo cujos elementos se coordenam, mas em uma composição na qual penetram fatos heterogêneos dos quais alguns são herança do passado. Feições antigas e recentes nela se misturam, de modo que sua interpretação tem um pouco de exegese.

- 7 Na Bretagne ou no Limousin, o olhar alcança extensas superfícies aplainadas que passaram por vários ciclos erosivos. Agora, porém, reavivados por alguma mudança no nível de base, os cursos d'água começam a erodir as bordas daquelas superfícies. Em torno dos Alpes as fases são mais aceleradas, as feições se precipitam, observam-se vales jovens encaixados em ambientes quase intactos de vales mais antigos. O aspecto caótico da paisagem de uma parte do norte da Europa e da América mostra que os agentes físicos não tiveram tempo de limpar os resíduos provocados pelas antigas geleiras. A topografia saariana mantém parcialmente atrofiados os vales escavados por rios que se tornaram fósseis. Assim, passado e presente se confundem, se ladeiam, se justapõem, se superpõem. Por toda parte, um horizonte temporal mais amplo serve como pano de fundo à geografia.
- 8 Acrescentemos, porém, ser inoportuno [fâcheux] retornar ao passado para além do exigido pela interpretação das superfícies. Esse constante recuo longínquo acaba por se perder em um distanciamento tal que seria quimera buscar nos frágeis resíduos restantes alguma relação com o que impressiona nossos olhos. Proceder dessa maneira seria desviar a inteligência rumo a noções nas quais a hipótese tem, necessariamente, lugar de destaque, mas a realidade acaba por escapar – o que é exatamente o oposto do que o raciocínio geográfico precisa. Salvo raras exceções, são os últimos anéis que, na cadeia do tempo, nos afetam.
- 9 Entretanto, eis ainda um outro tema de divergência. O historiador vive naturalmente preocupado com ações [oeuvres] humanas às quais o geógrafo não se interessa da mesma forma. Sem dúvida, seria absurdo fazer abstração do homem em geografia; porém, de acordo com uma fórmula que empreguei em outra ocasião,<sup>3</sup> “a geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”. Isto significa que ela trata dos homens enquanto estejam relacionados aos lugares, seja sofrendo sua influência, seja modificando-os. O tema é, certamente, vasto. O homem é um agente geográfico cujo poder não data de ontem. De longa data, isto é, do momento em que soube manejar o fogo, ele começou a modificar as formas [surfaces]. Práticas irregulares de cultivos rudimentares imprimiram sua marca sobre a aparência das regiões [contrées], além de iniciarem a guerra contra a floresta que, receio, terminará apenas junto com a própria humanidade. Na sequência, o habitat sedentário, as formas de agrupamento, os gêneros de vida e o comércio estenderam sobre a Terra uma rede de relações englobando uma série crescente de fenômenos. Em suas diversas manifestações, a vida está essencialmente ligada às ações humanas às quais, por sua vez, estão impregnadas de todas as influências do clima e do meio [sol].
- 10 Seguramente, não se trata de “explicar a história pela geografia”, fórmula esta que apenas pessoas que não se conhecem poderiam dizer umas para as outras. Independentemente do que as diferem, as ligações e as relações são suficientemente numerosas e bastante ampliadas para que as duas ciências se interessem em viver em recíproca intimidade. Afinal, a história também tem suas raízes profundas que, por sua vez, vão encontrar, no passado, as causas geográficas.

### 3.

- 11 Até aqui, talvez tenhamos abordado apenas os contornos da questão. O espírito de observação, de análise e de comparação, bem como o sentido das relações e dos longos encadeamentos, possui campo bastante fértil na geografia. Entretanto, é incontestável que outras ciências e outros ensinamentos também possam oferecer-lhe um vasto campo de aplicação. Assim, sobre o quê a geografia é capaz de criar um raciocínio próprio? Em termos de método, o que ela traz de essencial e de novo? É preciso observar as coisas mais de perto.
- 12 Para o historiador, o importante é a noção de tempo; sua guia é a cronologia. Para uma apreciação sólida dos acontecimentos e dos homens, é preciso entranhar no historiador o espírito da época responsável por criar tais acontecimentos e tais homens. O sentimento dessa relatividade dita seus julgamentos; entra em seu temperamento; é a dobra do seu pensamento. Eis o que permeia cada vez mais o estudo do direito e, quanto às análises literárias – sem repetir o que já foi muito bem-dito –, não é verdade que toda crítica séria se esforça por restabelecer no tempo a obra apreciada e por restituir-lhe sua ambiência, mantendo o cuidado de preservá-la das obras contemporâneas?
- 13 Assim, a noção de lugar representa para o geógrafo o mesmo que a noção de tempo para o historiador. Se para este a conjunção preferida é quando, para aquele será onde.
- 14 A observação direta e comparada em um número crescente de regiões fixou entre os geógrafos a prova segundo a qual as causas gerais são incessantemente modificadas pelos ambientes locais sobre os quais elas se aplicam; as relações se combinam de maneira diversa em todos os lugares; a verdade jorra do conhecimento das múltiplas combinações originada pela complexidade dos fatos. Desse modo, o geógrafo contrai o hábito e, mesmo, a necessidade, de jamais separar os fenômenos – independentemente da ordem em que estejam – das localidades em que foram engendrados; deixa de concebê-los como unidades simples e apartadas de todo entorno; e extrai, de cada uma das localidades, uma junção de relações tão rigorosa quanto a dos filamentos das raízes de uma planta arrancada. Eis o proveito intelectual obtido pelo geógrafo do gênero de estudos ao qual ele se dedica. Para ele, cada fato assume significado particular referente ao lugar de onde o próprio fato surgiu. A necessidade de localizar confunde-se com a necessidade de compreender.
- 15 Não queremos escapar aqui do domínio da teoria científica pura. Aliás, seria muito fácil mostrar, exemplificando, o quanto o esquecimento dessas verdades essenciais – notadamente no que tange às questões coloniais – pode levar a desagradáveis equívocos. Sucintamente, pelas características descritas, o que temos a indicar é o quanto o raciocínio geográfico pode abrir caminhos junto às ciências da observação – sejam as da natureza, sejam as do homem.
- 16 Sabemos que um dos principais temas das atuais pesquisas em botânica é o estudo da adaptação das plantas aos diferentes ambientes. Não se contentando mais em distribuí-las conforme determinadas características gerais, a botânica analisa a fisiologia das plantas em suas associações com as diversas influências oriundas da umidade, seca, temperatura, ventilação, insolação, tipo de solo e seus componentes etc. Ou seja, trata-se de analisar a variedade de elementos intervenientes e de imaginar que raramente eles se encontrarão idênticos em suas combinações e em seus efeitos. Assim, a multiplicidade crescente de campos de observação permitiu com que a ciência

ampliase suas exigências conferindo-lhe, segundo expressão de Schimper,<sup>4</sup> os meios de estabelecer a geografia das plantas a partir de uma base fisiológica, bem como de fazer da biologia uma oecologie. Afinal, os problemas em tela demandam uma explicação muito precisa e é por esta razão que a criação de laboratórios nas mais diversas partes do globo (tanto na região ártica como os que já existem nas regiões tropicais) é uma das solicitações mais prementes dos especialistas.

- 17 Outro exemplo: existem doenças terríveis nas regiões tropicais (sobretudo na África) cujos germes são transportados por insetos ou dípteros de diferentes espécies. A observação e a experimentação nos levaram a descobrir que cada espécie se localizava conforme a resistência ao excesso de calor ou de aridez e que não apenas o habitat, mas as funções fisiológicas associadas àqueles malefícios, dependiam das condições do meio. O desenvolvimento desses estudos não manifesta claramente a necessidade de localizar para conhecer – e, neste caso específico, para curar?
- 18 Falarei agora da história? Temos insistido sobre as reais diferenças existentes entre ela e a geografia. Porém, afinal de contas, as formações territoriais por nós denominadas Estados não salientam algo relativo à geografia? Não estão elas submetidos às leis naturais que presidem todo organismo exposto às condições da extensão, da posição e do contato? Em seu processo de expansão, suas forças colidem com a expansão das forças vizinhas. Onde começa essa força? Na coalisão representada por cada Estado não existe um núcleo inicial ou, como dizem os fisiologistas, um ponto de ossificação a conferir consistência ao embrião político? Para não abusar das analogias extraídas do mundo orgânico, eis alguns exemplos: para a França, o núcleo foi o espaço entre o Loire e o Escaut; os cursos do Elba e do Oder o foram para a Prússia; para a Moscóvia, a região do Médio Volga. O que surpreende nesses espaços – aliás, tão diversos – é que, sob pressão de perigos externos, um conjunto de esforços encontrou neles os órgãos necessários para se produzirem. Destarte, graças a certas particularidades de posição e de contato, em alguns lugares esses núcleos reuniram forças; operou-se uma concentração delas. Ora; nada pode nascer e crescer sem o impulso, o choque inicial que dá forma ao que era disforme.
- 19 É sobretudo no emaranhado de fatos contemporâneos que o raciocínio geográfico encontrará muito material para oferecer seus serviços. Geralmente, tais fatos nos são transmitidos por estatísticas baseadas em divisões administrativas e sob a forma de resultados mais ou menos globais. É dessa maneira que eles se tornam a dianteira das controvérsias e, com frequência, do espírito de divisão. Porém, o significado desses números só se dá quando podemos articulá-los às realidades por eles contempladas. A produção agrícola francesa é um dado estatístico, mas a repartição precisamente localizada dos diversos tipos de produtos seria um dado geográfico – o único a poder nos ensinar sobre a dinâmica dos fenômenos. Os recuos e os avanços das vinícolas ou a substituição progressiva da criação animal pelo cultivo de cereais, por exemplo, são fatos típicos que afetaram profundamente nossa economia rural. A extensão destes fenômenos e os limites com os quais eles podem se deparar em termos de condições naturais realçam a análise geográfica.
- 20 Sob essa ótica, notemos, uma ampla perspectiva de relações é descoberta por si própria. A densidade populacional e o êxodo rural estão conectados às vicissitudes dos modos de cultivo. Alcançando o âmago de nosso estado social, esses movimentos – os quais vigiamos as aparências com um olhar inquieto – não se produzem tal como uma grande onda transformando tudo de um só golpe. São movimentos múltiplos ao redor dos quais

gravitam alguns centros de atração; afetam certos espaços mais que outros; estão submetidos a muitas causas locais. Diagnosticá-los requer incorporar todas essas condições.

- 21 No mesmo raciocínio, a localização das indústrias é um dos fenômenos sociais cujas causas mais escapam a fórmulas gerais. Por que a indústria elege certos espaços e por que outros destes lhe parecem refratários? Existe a explicação simplista que atribui o início do desenvolvimento industrial à presença de matéria-prima. Todavia, este argumento é discutível, pois abundam as experiências de indústrias transformando-se localmente ao substituir o algodão pela lã, o ferro ou o chumbo por metais preciosos etc. É preciso examinar cada caso. De um lado, vimos a indústria nascer graças às feiras e às trocas ocorridas entre a vizinhança; de outro, com o auxílio de uma mão-de-obra abundante disponível por causa de um período de baixa [morte-saison]. Além disso, pode acontecer de o germe ter sido depositado pela migração de uma colônia estrangeira. O fato é que a indústria frutificou e, no decorrer do tempo, criou os órgãos para seu próprio uso. No final das contas, geralmente o maquinário [outillage] é suficiente para atrair matéria-prima de muito longe.
- 22 Por essas razões, só podemos encorajar os estudos regionais – tais como os que, nos últimos anos, tomaram partes da França como tema. Minuciosos e precisos, a impressão que deles temos nos põe em guarda contra as generalizações capazes de, em uma mesma fórmula, confundir sumariamente os fatos em realidades muito distintas. É o caso, por exemplo, do conceito formado sobre os estabelecimentos [industrie] rurais. Normalmente, consideramos sua desaparecimento mais ou menos rápida como um efeito geral e inelutável de nosso estado social. No entanto, ao estudarmos sua situação em duas regiões muito próximas como o são a Picardie e o Pays de Caux, constatamos dinâmicas absolutamente diferentes: enquanto a Normandie oferece o espetáculo de uma decadência quase integral, na Picardie elas experimentam uma vitalidade admirável. “Lá, inúmeras são as localidades [villages] que conservam uma forte população de artesãos”.<sup>5</sup> A geografia aponta o caminho dessas diferenças e as explica segundo uma variedade de causas.
- 23 Como suporte aos fundamentos mencionados até aqui, talvez seja apropriado citar sua aplicação sobre a geografia eleitoral feita por um perspicaz e bem informado escritor. Em um livro muito sugestivo baseado na análise dos votos eleitorais e das enquetes legislativas no Oeste da França entre 1871 a 1910,<sup>6</sup> o Sr. André Siegfried inspirou-se no mais rigoroso método de localização ao estabelecer os pilares de seu estudo de região a região e, na maior parte dos casos, de comuna a comuna. Recolhemos dessa pesquisa analítica a impressão de certa estabilidade. Cada localidade oscila em torno de uma espécie de estado normal, o que nos permite restabelecer as causas. Assim, abaixo das marolas passageiras a movimentar as opiniões, existem correntes de fundo. Causas permanentes ligadas ao regime da propriedade, aos gêneros de vida e, às vezes, à raça, operam e constituem tanto os temperamentos políticos quanto as particularidades regionais ou étnicas.

#### 4.

- 24 Ao anotar que “o pensamento do homem moderno já assumiu uma marca mais geográfica”, Friedrich Ratzel exprimia – quer tenha ou não razão – o próprio conceito a nós desvendado graças ao conhecimento mais amplo e mais detalhado da Terra e das

diversas condições existentes em sua superfície. Uma localização mais precisa dos fatos abre os olhos para várias relações e permite compreender melhor a *raison d'être* das coisas. Haveria mais clareza de entendimento, mais equidade nas avaliações e, em geral, menos confusão, se o raciocínio geográfico fosse mais disseminado.

- 25 Em todo caso, se é verdade que o método cria hábitos de pensar, estes devem ser seguidos no ensino, mesmo o mais simples, destinado a todos os jovens ou às crianças. Retorno, assim, àquela sala ideal a qual, no início, tive o prazer de esboçar a mobília e a aparência. Suponho eu que a geografia não se manifesta apenas no aspecto exterior das coisas, mas, também, na alma do professor. Geógrafo ou não, se souber inspirar-se dela, ele apelará à observação direta, evitará o que é abstrato, atrairá seus interlocutores com realidades visíveis e concretas. Bem acredito que por esse método ele correrá o risco de, inicialmente, surpreender seu auditório, pois, para as crianças, o ensino está relacionado ao livro – ninguém tem mais apego livresco que elas. Porém, também tenho certeza de que o professor não demorará a encantá-las. E, provavelmente, terá despertado nelas uma curiosidade que jamais se apagará.

---

## NOTAS

1. Professor escocês de Geologia da Universidade de Edimburgo, viveu entre 1839 a 1915 (N.T.).
2. Corrente do Golfo (N.T.).
3. *Annales de Géographie*, tome XXII, 1913 (p. 289 e seguintes), “Des caractères distinctifs de la Géographie”.
4. Botanista e fitogeógrafo alemão (1856-1901) (N.T.).
5. A. Demangeon. *La Picardie*, Paris, A. Colin, 1905; J. Sion, *Les Paysans de la Normandie orientale*, Paris, A. Colin, 1908.
6. A. Siegfried, *Tableau politique de la France de l'Ouest*, Paris, A. Colin, 1913.